

**PERCURSO TURÍSTICO E POÉTICO NOS BECOS DE GOIÁS:
CAMINHOS PARA UMA FORMAÇÃO DOCENTE CRÍTICA**

*TOURIST AND POETIC ROUTE IN THE ALLEYS OF GOIÁS: PATHS TOWARDS
CRITICAL TEACHER EDUCATION*

Monalisa Pedrosa Moraes¹

Cristiane Rosa Lopes²

RESUMO: A proposta deste artigo é apresentar um relato de uma experiência vivenciada em uma atividade interdisciplinar e extraclasse da disciplina Formação de Professoras/es de Línguas, do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI), da UEG - Câmpus Cora Coralina. A atividade consistiu em realizar uma caminhada guiada pelas ruas e becos da cidade de Goiás, que é parte do projeto de extensão da UEG - Câmpus Cora Coralina, intitulado ‘Caminhos De Cora Coralina: Um Percorso Turístico E Poético Pela Cidade De Goiás’, coordenado pelo professor do curso de turismo Diego Pinto de Mendonça. E, em seguida, problematizar aspectos da história e da cultura dos locais visitados na cidade de Goiás e/ou citados na poesia de Cora Coralina, tendo em vista teorizações discutidas nas aulas, que fazem parte de textos da bibliografia da disciplina.
PALAVRAS-CHAVE: Formação de Professoras/es. História e Cultura de Goiás. Cora Coralina

ABSTRACT: The purpose of this article is to present a report of an experience lived in an interdisciplinary and extracurricular activity of the discipline Training of Language Teachers, of the *Stricto Sensu* Graduate Program in Language, Literature and Interculturality (POSLLI), of UEG - Cora Coralina Campus. The activity consisted of taking a guided walk through the streets and alleys of the city of Goiás, which is part of the extension project of UEG - Cora Coralina Campus, entitled ‘Caminhos De Cora Coralina: Um Percorso Turístico E Poético Pela Cidade De Goiás’, coordinated by the professor of the tourism course Diego Pinto de Mendonça. And then, to problematize aspects of the history and culture of the places visited in the city of Goiás and/or mentioned in the poetry of Cora Coralina, taking into account the theories discussed in the classes, which are part of texts in the bibliography of the discipline.

KEYWORDS: Teacher Training; History and Culture of Goiás; Cora Coralina

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI), da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Câmpus Cora Coralina. E-mail: monalisapmoraes@gmail.com

² Docente do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI)/Câmpus Cora Coralina, e do curso de Pedagogia/Unidade Universitária de Campos Belos, da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: cristiane.lobes@ueg.br

1 INTRODUÇÃO

Conto a estória dos becos,
dos becos da minha terra (...)
Becos da minha terra...
Becos de assombração.
Românticos, pecaminosos...
Têm poesia e têm drama (...).
Cora Coralina (2013a).

Em muitos de seus poemas, a poetisa goiana Cora Coralina expressa seu amor e admiração por sua terra, a cidade de Goiás. As características das paisagens urbanas e a história do local e de seus moradores estão intensamente presentes em sua obra. A poetisa, em variados momentos, aponta o que há de bom, de belo, mas também reflete sobre os “pecados” e os “dramas” de sua terra. Cora usou do seu contexto de vida para inspirar sua poesia.

Assim como Cora Coralina, muitos artistas, como, por exemplo, os da literatura, retratam em seus trabalhos o cotidiano de suas comunidades e de suas vidas. Para além da riqueza presente na escrita dessas obras literárias, muitas delas expandem conhecimentos e provocam reflexões críticas a partir da relevância, da exposição e da problematização de aspectos, práticas e problemas sociais locais.

Em um prisma similar, pesquisas na área da Linguística Aplicada Crítica têm proposto investigações linguísticas

centradas no contexto local, considerando questões da vida social, cultural, política e histórica das pessoas envolvidas (Moita Lopes, 2006, p. 21). Para Alastair Pennycook (2006, p. 67), o modo de pensar e fazer dos grupos sociais deve ser sempre problematizado, com vistas a uma formação crítica nas aulas de línguas.

Nessa direção, a promoção de uma educação linguística, pelo viés de uma perspectiva crítica, almeja levar os/as alunos/as a refletirem sobre questões sociais, históricas e culturais da comunidade em que vivem. Para isso, é necessário que os/as professores/as de línguas vivenciem processos formativos com esse enfoque.

Ante o exposto, a proposta deste artigo é discutir uma experiência vivenciada em uma atividade interdisciplinar e extraclasse da disciplina Formação de Professoras/es de Línguas, do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI), da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina, cidade de Goiás-GO, ministrada pelas professoras Carla Conti de Freitas e Cristiane Rosa Lopes, no período de setembro a novembro de 2023.

A proposta da atividade foi realizar a caminhada guiada pelas ruas e becos da cidade de Goiás, que é parte do projeto de extensão da UEG Câmpus Cora Coralina,

intitulado ‘Caminhos De Cora Coralina: Um Percurso Turístico E Poético Pela Cidade De Goiás’, coordenado pelo professor do curso de turismo Diego Pinto de Mendonça, e problematizar aspectos visualizados nas ruas e/ou citados na poesia de Cora Coralina, tendo em vista teorizações discutidas nas aulas da disciplina.

CAMINHOS DE CORA CORALINA: UM PERCURSO TURÍSTICO E POÉTICO PELA CIDADE DE GOIÁS tem o intuito de fornecer à comunidade, destacadamente escolar e universitária, um percurso turístico e poético pelas ruas de Goiás. Nesse passeio turístico e literário, o intuito é conhecer os becos e ruas presentes na poesia de Cora Coralina, numa verdadeira apreciação da poesia

e da paisagem da cidade Patrimônio Cultural da Humanidade.

(Mendonça e Mattos, s/d) ³

Assim, nos baseando no conceito de Walkyria Monte Mór (2018) sobre expansão interpretativa, desenvolvemos este artigo a partir de uma aula de campo da disciplina de Formação de Professoras/es de Línguas realizada nas ruas e becos de Goiás, da qual as professoras da disciplina e o professor e guia de turismo Diego, juntamente com os/as demais discentes da disciplina participamos. Segundo Monte Mór (2018, p. 267-268), o conceito de expansão interpretativa aborda como “atividades específicas” podem propiciar “oportunidades para que os alunos expandissem as possibilidades interpretativas dos variados textos e contextos”, para que assim pudessem “desenvolver um trabalho crítico e, conseqüentemente, as percepções críticas”.

Neste artigo, as experiências vivenciadas na aula extraclasse são relacionadas com teorizações e praxiologias estudadas durante o curso da disciplina, principalmente de autoras/es como Ana

³ Texto de Diego Mendonça e Elissa Mattos disponibilizado em:

https://www.instagram.com/elissamattos/p/C6KO Cw4OzD6/?img_index=1
Acesso em abril 2024.

Paula Duboc, Alastair Pennycook, Mariana Mastrella-de-Andrade, Rosane Pessoa, Tânia Rezende, Vera Candau, dentre outras/os. São estudos que abordam temáticas como Educação Linguística Crítica, Linguística Aplicada Crítica, Interculturalidade, Formação de Professores/as de Línguas, Racismo e Decolonialidade.

Acreditamos que tal análise, assim como este artigo, justificam-se pela necessidade de promoção de vivências de educação linguística, relacionadas à literatura e ao contexto histórico e cultural da comunidade local. Tendo em vista as condições de desigualdade, violência e injustiça social que caracterizam a sociedade contemporânea, um caminho para a expansão interpretativa na formação de professores/as de línguas é a promoção de vivências interculturais e interdisciplinares. O intuito, além da ampliação de perspectivas na formação docente, é também favorecer mais envolvimento, agência e sentido para as aulas.

2 CAMINHANDO PARA UMA FORMAÇÃO CRÍTICA

(...) O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada.
Caminhando e semeando, no fim terás o que colher

Cora Coralina (1997)

Como já mencionado, uma das atividades da disciplina Formação de Professoras/es de Línguas, no ano de 2023, foi a realização de uma caminhada guiada pelas ruas e becos da cidade de Goiás. O roteiro foi desenvolvido e coordenado por Diego Pinto de Mendonça, técnico administrativo, mestre em Geografia, estudioso do cerrado e professor do curso de Turismo da UEG - Câmpus Cora Coralina. A proposta se trata de uma atividade interdisciplinar e cultural, que durante a visita a pontos turísticos da cidade, o professor e guia Diego conta histórias, lendas e curiosidades da história de Goiás e também faz a leitura/declamação de poemas de Cora Coralina relacionados a monumentos históricos visitados.

A proposta das professoras foi de provocar uma expansão interpretativa das/os discentes acerca de conceitos estudados na disciplina, como, por exemplo, colonialidade, interculturalidade e racismo, a partir da problematização de aspectos da história e cultura da cidade de Goiás. Esta bela cidade onde localiza-se nosso câmpus da UEG é a terra da poetisa Cora Coralina e é também uma das mais importantes cidades do estado de Goiás, que tem o título de Patrimônio Mundial da Humanidade, recebido da Unesco.

A atividade da caminhada iniciou-se na Praça do Coreto, monumento central do Centro Histórico da cidade. Ali, o professor e guia Diego contou a história da construção e das reformas da praça e da Igreja Matriz Catedral de Sant'Anna. Para além da história oficial, o guia também contou sobre as relações de poder e brigas políticas, como, por exemplo, sobre a inacabada reforma da Catedral de Sant'Anna. Além disso, ele também falou sobre os mitos e lendas, como a maldição de um padre que faz com que a reforma da igreja nunca seja concluída.

Dando sequência à caminhada, seguimos para o Museu das Bandeiras, que é uma construção muito antiga, de 1766, época que a cidade era denominada de Vila Boa de Goyaz. Este edifício foi construído para ser utilizado como Câmara e Cadeia, as pessoas negras escravizadas ficavam nos porões em condições insalubres. De lá, caminhamos pelas ruas e becos passando pela Igreja São Francisco de Paula, Igreja do Carmo, Igreja D'Abadia, Beco da Escola, Manchorra, Beco do Ouro Fino, Rua da Cambaúba, Igreja do Rosário e, por fim, chegamos no Museu Casa de Cora Coralina.

Como já mencionado, em cada monumento histórico visitado, Diego além de nos contar a história oficial, também relatava algum fato não retratado oficialmente nos livros. Ele nos relatou, por

exemplo, que o local da Igreja de Nossa Senhora do Rosário era antigamente a Igreja Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, que o nome foi mudado exatamente para não se ressaltar a história negra.

Além das reflexões advindas da visita a esses locais da cidade de Goiás e do conhecimento de partes da história oficial e da história apagada, também expandimos nossas perspectivas ouvindo uma poesia de Cora Coralina em cada local. A obra dessa importante poetisa brasileira, muitas vezes marcada pela simplicidade e profundidade, “reflete não apenas a vida e a cultura do interior de Goiás, mas também questões profundas relacionadas à condição feminina e à resistência contra as normas sociais e culturais restritivas que afetavam as mulheres de sua época” (Batista, Santos e Pedersen, s/d).

Em roda de conversa durante e após a caminhada, buscamos relacionar os locais históricos, suas histórias e as poesias de Cora Coralina com teorizações discutidas na sala de aula após a leitura da bibliografia da disciplina. Relembramos, por exemplo, o texto de Vera Candau (2023), que aponta que

Os processos educacionais, em geral, reforçam a lógica da colonialidade,

promovendo a homogeneização dos sujeitos neles implicados, reconhecendo um único tipo de conhecimento como válido e verdadeiro, aquele produzido a partir do referencial construído pela modernidade europeia. Se não questionarmos o caráter único do que consideramos desenvolvido, moderno, civilizado, verdadeiro, belo, não podemos favorecer processos em que se promova o diálogo intercultural. Desnaturalizar os processos de colonialidade constitui um desafio fundamental para o desenvolvimento da educação intercultural crítica e decolonial (Candau, 2023, p. 49).

Ainda de acordo com a autora, “o fortalecimento dos sujeitos silenciados é fundamental para a afirmação de processos educativos democráticos, orientados à construção de relações sociais justas e que reconheçam o potencial de todos e todas, individual, comunitária e coletivamente” (Candau, 2023, p. 54). O roteiro da caminhada e a poesia de Cora Coralina ampliaram nossas reflexões sobre os sujeitos silenciados nas histórias de Goiás, o povo negro escravizado e as mulheres, de

como suas histórias são fortes e importantes, mas que foram silenciadas nas práticas educacionais, que se orientam por lógica colonial, racista e patriarcal.

Essa reflexão crítica também pode e deve acontecer na formação de professoras/es de línguas, trazendo o contexto, história e cultura local de Goiás para promover a expansão do pensamento crítico das/os professoras/es. É importante considerar os contextos e realidades locais, com questionamentos e inquietações, para a sala de aula e para a formação docente.

Conforma salienta Mariana Mastrella-de-Andrade (2018, p. 135), uma formação crítica de professoras/es precisa considerar “a impossibilidade da neutralidade dos conteúdos e das escolhas sobre o que ensinar, pois nossas práticas de uso da língua são indissociáveis de contextos”.

Nessa direção, colocar em pauta o contexto da cultura e história da cidade de Goiás, saber mais sobre a falta de humanidade com que povo negro era tratado na antiga cadeia de Goiás (Museu das Bandeiras), ampliou nossas reflexões sobre racismo linguístico e educacional.

A educação escolar, mais especificamente, a educação linguística pela escola, tem o objetivo de normatizar as práticas

sociolinguísticas, as vivências dos corpos e das existências no mundo. A educação linguística totalitarista, embalada pela retórica ocidental de língua pura e correta, não admite a existência de nenhuma norma ou prática linguística diferente da norma única legitimada pela herança colonial. Em consequência, a história intelectual de muitos povos é esmagada. (Brito; Rezende; Lima; 2021, p. 253)

Portanto, ao pensarmos em uma disciplina sobre formação crítica de professoras/es de línguas, corroboramos com a ideia de Ana Paula Duboc (2018, p. 15), que diz que é “impossível desvincular o exercício crítico da educação linguística”, se visamos a construção de uma sociedade com menos injustiça social. Para tanto, faz-se necessário promover rupturas com a lógica colonial que também direciona a educação linguística.

De acordo com Rosane Pessoa (2019),

(...) formar um/a professor/a de línguas nos tempos críticos de hoje é formá-lo/a para ter uma “atitude decolonial”

(Maldonato-Torres, 2008, p. 8), que demanda responsabilidade e vontade de tratar de várias perspectivas, especialmente as perspectivas e pontos de vista daquelas pessoas cuja existência é questionada e produzida como indispensável e insignificante. (Pessoa, 2019, p. 176)

Para Candau e Russo (2010), uma estratégia ética, política e epistêmica para o desenvolvimento do pensamento decolonial é a formação intercultural crítica, que permite desvelar racismos e outras injustiças sociais, uma vez que questiona os discursos de poder da cultura homogeneizante ainda vigente na sociedade contemporânea. Na cidade de Goiás, é marcante o poder exercido pela colonialidade e pelo coronelismo na sua constituição social, histórica e cultural, que é refletido nos locais públicos, que inclusive deram o reconhecimento da cidade como Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade. Assim, a problematização da constituição e reconhecimento desses locais pode promover uma maior conscientização crítica das relações de poder que permearam e ainda permeiam a comunidade vilaboense.

Nesse sentido, torna-se necessário discutir em uma disciplina sobre formação de professoras/es de línguas praxiologias não hegemônicas, não apenas em relação aos objetivos, conteúdos, metodologias e materiais, mas principalmente em relação ao entendimento de cultura como uma produção histórica e discursiva. De acordo com Kawachi (2018, p. 160), esse entendimento “pode contribuir para repensar propostas educacionais que ainda propaguem visões estereotipadas e rasas de cultura, as quais considero incompatíveis com os objetivos de um ensino de línguas norteado por concepções mais dinâmicas de língua e linguagem”.

Então, trazer o contexto histórico e cultural da cidade de Goiás e a poesia de Cora Coralina para promover uma expansão interpretativa (Monte Mór, 2018) no entendimento de como a lógica colonial e racista ainda pauta práticas de formação de professoras/es e de educação linguística, foi um caminhar muito significativo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Goiás, minha cidade...
Eu sou aquela amorosa
de tuas ruas estreitas,
curtas,
indecisas,
entrando,
saindo
uma das outras (...)

Cora Coralina (2013b)

Em uma noite de 2023, nossa turma do mestrado (Posli) realizou uma caminhada guiada pelas ruas e becos da cidade de Goiás, como uma atividade interdisciplinar da disciplina Formação de Professoras/es de Línguas, na qual buscamos ampliar nossas reflexões críticas acerca de conceitos estudados, relacionando-os ao contexto histórico e cultural da cidade de Goiás.

Neste artigo trazemos um relato dessa experiência, ressaltando a importância e a necessidade de atividades que promovam a nossa expansão interpretativa (Monte Mór, 2018), favorecendo uma maior criticidade em relação à lógica colonial, racista e patriarcal que ainda está presente nos cursos de formação de professoras/es.

Para Paulo Freire, a educação deve promover uma ação e uma reflexão verdadeiras sobre a realidade, sendo uma atividade contínua (Freire, 1979). Portanto, acreditamos ser importante que uma disciplina, que discute formação de professoras/es de línguas, também vise promover reflexões críticas sobre os processos históricos e culturais locais, que excluam corpos, línguas e epistemologias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRITO, Laura de Pina Ferreira; REZENDE, Tânia Ferreira; LIMA, Hildomar José de. Educação linguística plural para consolidação dos direitos humanos para a diversidade. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, [S. l.], v. 22, n. 2, p. 253–271, 2021.

CANDAU, Vera Maria. Diferenças, educação intercultural e decolonialidade: temas insurgentes. In: CANDAU, Vera Maria. **Cotidiano. Educação e Cultura: realizações, tensões e novas perspectivas**. Rio de Janeiro, RJ: Ed. da Autora, 2023. p. 45-60.

CANDAU, Vera Maria; RUSSO, Kelly. Interculturalidade e educação na América Latina: uma construção plural, original e complexa. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v.10, n. 29, 2010.

CORA CORALINA. Meu Melhor Livro de Leitura. In: CORA CORALINA. **Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha**. São Paulo: Global Editora, 1997.

CORA CORALINA. Becos de Goiás. In: CORA CORALINA. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. São Paulo: Global, 2013a.

CORA CORALINA. Minha cidade. In: CORA CORALINA. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. São Paulo: Global, 2013b.

DUBOC, Ana Paula. Lendo a mim mesma enquanto aprendo com e ensino o outro. In: PESSOA, R. R.; SILVESTRE, V. P. V.; MONTE-MÓR, W. (Org.). **Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil: trajetórias e práticas de professoras/es universitárias/os de inglês**. São Paulo: Pá de Palavra, 2018. p. 11-24.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

KAWACHI, Guilherme Jotto. “A brasileira-francesa”, “o homem perfeito”, “a americana patricinha”: representações culturais e educação crítica no ensino de inglês em contexto universitário. In: FERRAZ, Daniel de Mello; KAWACHI, Guilherme Jotto. **Educação linguística em línguas estrangeiras**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018, p. 157-181.

MASTRELA-DE-ANDRADE, Mariana Rosa. Ser crítica: uma história sempre incompleta. In: PESSOA, R. R.; SILVESTRE, V. P. V.; MONTE-MÓR, W. (Org.). **Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil: trajetórias e práticas de professoras/es universitárias/os de inglês**. São Paulo: Pá de Palavra, 2018.

MILLER, Inês K. Formação de professores de línguas: da eficiência à reflexão crítica e ética. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Linguística Aplicada na modernidade recente: Festschrift para Antonieta Celani**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013, p. 99- 121.

MOITA LOPES, L. P. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 85-105.

MONTE-MÓR, Walkyria. Sobre rupturas e expansão na visão de mundo: seguindo as pegadas e os rastros da formação crítica. In: PESSOA, R. R.; SILVESTRE, V. P. V.; MONTE MÓR, W. (org.). **Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil**. São Paulo: Pá de Palavras, 2018. p. 265-278.

PESSOA, Rosane Roch. Gêneros e sexualidades no ensino de línguas estrangeiras e na formação de professoras/es. In: FERRAZ, D. F.; KAWACHI-FURLAN, C. J. **Bate papo com educadores linguísticos: letramentos, formação docente e criticidade**. São Paulo: Pimenta-Cultural, 2019, p. 35-53.

PENNYCOOK, Alastair. Uma linguística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006, p. 67-84.